



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 2, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

**EIXO 2 - EDUCAÇÃO E INCLUSÃO. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS.
POLÍTICAS AFIRMATIVAS. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS.
EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS. EDUCAÇÃO PARA A PAZ.**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <https://doi.org/10.29380/2020.14.02.66>

Recebido em: **31/07/2020**

Aprovado em: **02/08/2020**

EXPERIÊNCIA VISUAL DE ALUNOS SURDOS NA ESCOLA

MONICA GARCIA PATRICIO

ERICA APARECIDA GARRUTTI DE LOURENÇO

RESUMO

O campo da Arte Contemporânea é um campo de relações e de produção de conhecimento, que através das Artes Visuais permite que alunos surdos possam se valer de sua cultura visual para se representarem dentro e fora da escola. A Arte como uma das dimensões desse mundo cultural, permite aos sujeitos surdos que se descubram em suas produções e expressões, construindo-se como sujeitos da experiência visual. A Arte por muito tempo foi vista como contemplação do Belo, reduzida muitas vezes a um grupo privilegiado confinado a um museu ou galeria de arte. Hoje a Arte Contemporânea nos possibilita ir além da fruição estética nos leva a questionar sobre o que é vital, sobre o que nos inquieta.

ABSTRAT

The Contemporary Art is a field of knowledge that allows deaf students to represent themselves through Visual Arts, both inside and outside the school's space. The Art, understood as part of this cultural world, grants the tools that allows the deaf persons to find themselves in their products and expressions, as subjects of the visual experience. During a long time, Art was seen as a simple exercise of beauty standards contemplation. But, today the contemporary art allows us to go beyond the aesthetic delight, questioning about what is vital, what disturbs us.

1. Introdução

A educação de surdos atualmente passa por mudanças importantes quando o que se intenciona é o caminhar na perspectiva bilíngue. Observamos conquistas históricas da comunidade surda, em busca de direitos, que se refletem nas Leis, como a Lei n. 10.436, de 24 de Abril de 2002 e o Decreto n. 5.626, de 22 de Dezembro de 2005, que dispõem sobre o reconhecimento da Libras - Língua Brasileira de Sinais, sua inclusão como disciplina curricular, o uso e sua difusão no país, além das portarias n° 1.060, de 30 de outubro de 2013 e n° 91 de 19 de novembro de 2013 que instituem um grupo de trabalho com o objetivo de elaborar subsídios para a Política Nacional de Educação Bilíngue. O grupo destaca no documento “Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa” (MEC/SECADI, 2014), a importância da experiência visual do surdo tanto na aprendizagem como no desenvolvimento de sua identidade surda.

A visualidade também é um aspecto destacado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) no componente curricular artes visuais em que se destaca a expressão visual como elemento de comunicação e manifestação cultural. Nesse sentido, é possível pensar nas artes visuais como experiência visual e como tal, ‘artefato fundante na constituição do sujeito surdo. O surdo se relaciona com o mundo a sua volta em uma língua de natureza visuoespacial, toma conhecimento de si, do outro, das coisas, vai significando-o e ressignificando-o. A presença das artes visuais nesse universo pode contribuir para o favorecimento de um reconhecimento de si.

Na perspectiva de Sacks (2010) e Santaella (2012), compreender o sujeito surdo significa ultrapassar concepções vinculadas a condições biológicas, compreendendo-os nas suas capacidades de linguagem, pensamento, comunicação e produzir cultura.

Raugust enfatiza que cultura e a linguagem não podem ser vistas de maneiras separadas, ambas são constituídas de forma discursiva, produzindo identidades em contextos diversos com variados significados. Dentro das culturas, existe um jogo de poder em que, mediante uma variedade de significados, busca-se legitimidade e imposição de uns em relação aos outros. O domínio de determinado significado passa a legitimar “comportamentos, modos de agir e identidades, moldam e transformam sujeitos e grupos sociais” RAUGUST (2017, p.208).

Raugust (2017, p.208) complementa ainda que a cultura pode estar relacionada a uma especificidade linguística ou a particularidade de um lugar ou território, mas também se constitui “por significados e identidades” de pessoas “que dela partilham um processo social e histórico, um modo de ser.”

Ao se fazer referência aos surdos, tais concepções sobre cultura e como os sujeitos se constituem, não acontece de modo diferente. Na perspectiva de Raugust (2017) e Strobel (2008), a constituição dos surdos se dá pelo contato com seus pares, na relação com seu grupo e em tudo que se origina dele, como a arte, a língua visuoespacial, as experiências, a militância ou ainda nos grupos de ouvintes que são inseridos desde criança. A cultura passa ser um instrumento em que se compartilha e se percebe uma maneira de ver diferente, não mais de maneira homogenia, mas pelas diferenças em ser, compreender e explicar do viver social.

A arte, como uma das dimensões do mundo cultural, em específico as artes visuais, como linguagem visual, permite aos surdos que se descubram em suas produções e expressões, constituírem-se como sujeitos de experiência visual. Raugust (2017, p.213) enfatizando a importância da arte na constituição do sujeito surdo, destaca que

[...] no contato com a arte, na sua descoberta e na sua produção e expressão, que o surdo vai tendo a possibilidade de perceber-se como um sujeito da experiência visual, um sujeito que percebe o que está à sua volta por meio da visão e que usa arte como forma de descrição de sua história, de suas

vivências, de seus medos, expectativas, do seu eu.

Os surdos se percebem como sujeitos a partir da apropriação dos significados expressos na linguagem verbal e não verbal – tal como a linguagem visual, enfatizando-se nessa perspectiva o letramento visual, o que permite viabilizar uma interação linguística, a participação social e a produção cultural das pessoas surdas.

Assim, Santaella (2012, p. 13) ressalta a importância que ações pedagógicas que desenvolvam com alunos surdos conduzam a uma percepção sobre as imagens, requerendo-se uma análise sobre como elas “[...] se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são os seus modos específicos de representar a realidade”.

Entendendo as contribuições das artes visuais a todos os sujeitos e a prioridade que a linguagem visual assume no desenvolvimento de alunos surdos, esta comunicação apresenta parte de uma pesquisa de mestrado, em desenvolvimento, que objetiva compreender quem é o aluno surdo no âmbito escolar, identificando como ele se sente em seus espaços e rotina escolar.

Para tanto, tem-se organizado uma proposta de intervenção em artes visuais com vistas a favorecer tal compreensão, o que consiste na ênfase desta comunicação que objetiva especificamente apresentar a proposta de intervenção com alunos surdos em planejamento na pesquisa, atribuindo centralidade ao tema autorretrato.

Metodologia

A metodologia empregada nesta pesquisa será de cunho qualitativo, tendo esta um olhar sócio-histórico-cultural sobre a Arte e a educação. A pesquisa qualitativa pode ser definida como aquela que visa entender, descrever e explicar os fenômenos sociais de modos diferentes podendo ser pela investigação teórica compreendendo livros, textos, imagens, fotos, vídeos e pesquisa de campo como análise de experiências de grupo ou individual, exame de interações e comunicações sendo desenvolvidas. “A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida.” (FLICK, 2009, p.20). Ainda, é importante considerar o que Freitas (2002, p.21-39) nos diz sobre esse tipo de pesquisa:

[...] os aspectos descritivos e as percepções pessoais, devem focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto. Adota-se, assim, uma perspectiva de totalidade que, de acordo com André (1995), leva em conta todos os componentes da situação em suas interações e influências recíprocas.

A pesquisa teórica será realizada por meio de uma busca de leituras de livros, artigos acadêmicos, dissertações, teses e publicações que abordem os temas principais desta pesquisa: sujeito surdo, Arte Contemporânea, Artes Visuais e Processo Criativo. O material será consultado em bibliotecas virtuais e físicas. Articuladamente com as leituras, serão feitos fichamentos e anotações dos pontos mais importantes de cada leitura para auxiliar na consulta para a escrita da dissertação.

Ainda, será realizada uma pesquisa de campo junto a uma escola, em uma sala bilíngue para surdos com o objetivo de ser o espaço que contemple a efetivação dos processos criativos de forma prática em Arte com alunos surdos através de oficinas/ateliê no tema autorretrato.

A proposta de intervenções com os alunos surdos

A ideia em desenvolver uma intervenção artística com alunos surdos que atribui centralidade ao autorretrato partiu da concepção de estimular a construção de sua identidade surda e no contexto de suas relações na escola. Perguntas como “Quem é esse meu aluno?”, “Como ele se sente na escola?” ou “Como ele se vê?” foram problematizadoras e geraram outras questões relacionadas que, embora não sejam contempladas nesta pesquisa, vale destacá-las por serem recorrentes no âmbito escolar, são elas: “Quais imagens na escola representam esse aluno?”, “Qual a imagem que a escola tem do aluno surdo?”, “Quais as possibilidades que a escola oferece na construção da identidade surda?” e “Qual o papel da aula de Arte nessa escola?” Tais questões impulsionam a busca de caminhos possíveis nas Artes Visuais que despertem nesses alunos a curiosidade por eles próprios.

É pretendido nesta pesquisa a partir das Artes Visuais, em especial a fotografia com centralidade no autorretrato, desenvolver atividades que despertem nesses alunos a curiosidade, a imaginação e a criatividade, de forma a contribuir para o processo de investigação de suas próprias características. Sendo assim, se faz necessário conceitualizar as referências que serão apresentadas às crianças como inspiração na construção do autorretrato na oficina/ateliê.

Os artistas e as obras essenciais que fundamentarão a proposta de intervenção de Artes Visuais na escola serão divididos por temas. Com ênfase temática para a proposta de intervenção no autorretrato, buscaremos embasamento em Katia Canton (2001, 2002, 2009, 2017). As criações de artistas surdos, como: Nancy Rourske (2018), Ashley Shaffer (2019), Jennifer Lescoüet (2015), Odrus - Rafael Santos (2017) e o artista e ativista, Billy Saga serão as referências da cultura surda que nortearão todo o processo criativo dos alunos no ateliê/escola. Além disso, serão basilares os conceitos de imaginação, criação e infância conforme abordados por L. S. Vygotsky (2018).

O primeiro momento com as crianças terá como ponto central a sondagem, conhecida também como avaliação inicial ou diagnóstica, sendo esta uma proposta investigativa, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, com o objetivo de compreender o momento atual de conhecimento e habilidades dos alunos (Brasil, 1998). Em artes visuais, por exemplo, é possível observar o desenvolvimento dos alunos, em relação a criação individual ou em grupo sendo articulada “percepção, imaginação, emoções e ideias, na experimentação com materiais e suportes, sabendo utilizar técnicas e procedimentos, mostrando empenho em superar-se.” (Brasil, 1998, p. 58).

A atividade inicial, é inspirada na obra De Dentro do Espelho, que abre a exposição Auto-Retrato, Espelho de Artista realizada por Canton (2001) em São Paulo. A obra é um grande espelho que reflete a imagem dos expectadores que dialogam com seus próprios reflexos. Desta forma nossa ação objetiva analisar a relação estabelecida entre o aluno surdo e o espelho e o grau de intimidade e estranhamento entre eles, estendendo-se a uma segunda atividade em fazer um desenho de si como um retrato. Com base na vivência das crianças será proposta uma roda de conversa para que possamos a partir de perguntas explorar mais ideias além das geradas no processo criativo do autorretrato.

O segundo momento objetiva despertar nos alunos experiências que os envolvam com o espaço escolar e como eles se sentem nesse ambiente. Assim como a atividade anterior, as crianças irão estabelecer uma relação, como no espelho, entre elas e o espaço escolar. Formando grupos com três alunos, a proposta é que fotografem diferentes espaços da escola, como o palco, a sala de aula, secretaria, direção, refeitório, hall de entrada, etc. As fotografias feitas pelos alunos serão apresentadas em slides e será criado um momento de diálogo para entender se as crianças se sentem parte da escola ou não e o que as levam a tais sentimentos a partir das imagens. Em seguida, os alunos serão orientados a fazer uma intervenção nas fotografias impressas, escrevendo em palavras os sentimentos que tiveram em relação as imagens.

O diálogo com as crianças partirá de questões geradoras, Como se sentem em atividades festivas, feira de ciências, semana cultural, em momentos de trocas mais amplas na escola? Em momentos de trocas entre alunos surdos e ouvintes, como se sentem? Existe comunicação com os alunos ouvintes? Eles sabem Libras? Em relação aos servidores que os recebem nos espaços da escola, há conversas, comunicação? Sabem Libras? Na sala de aula, como se sentem em relação aos diferentes professores, por exemplo, professores da sala e professores especialistas? Essa atividade tem como foco poder ouvir os alunos surdos e saber como eles se sentem em relação a escola, se sentem parte dela, se sentem acolhidos na rotina da escola e nas trocas com os diferentes interlocutores da escola – servidores, professores, colegas.

O terceiro momento, tem o propósito de conhecer e explorar criações de artistas surdos a partir dos princípios encontrados no Manifesto De'VIA do movimento artístico Deaf View / Image Art - De'VIA, conhecido no Brasil como, Arte Surda. O objetivo é mostrar aos alunos que existem artistas surdos e ouvintes que fazem obras de arte a partir da expressão e identidade surda. O princípio dos artistas que seguem o Manifesto De'VIA A Arte como uma das dimensões desse mundo cultural, permite aos sujeitos surdos que se descubram em suas produções e expressões, construindo-se como sujeitos da experiência visual. “É no contato com a arte, na sua descoberta e na sua produção e expressão, que o surdo vai tendo a possibilidade de perceber-se como um sujeito da experiência visual, um sujeito que percebe o que está à sua volta por meio da visão e que usa arte como forma de descrição de sua história, de suas vivências, de seus medos, expectativas, do seu eu.” (RAUGUST, 2017, p.213).

A artista Nancy Rourske, será trazida como uma importante referência da arte surda como resistência. Suas pinturas chamam atenção pelo uso de cores primárias, nas pinceladas marcantes e nos movimentos das bocas, olhos e mãos. Seus temas giram em torno da arte como resistência, afirmação e libertação.

A artista Ashley Shaffer com apenas 4 anos de idade encontrou na arte uma maneira de se expressar. Seguidora do movimento De'VIA, suas obras revelam através de sua experiência como surda a importância em enfatizar a cultura e a comunidade surda.

Após o conhecimento de criações de artistas do movimento De'VIA, os alunos serão orientados a se dirigirem as mesas e cadeiras, sendo disponibilizados materiais de arte como: lápis, canetas coloridas, tintas, pincéis, papéis variados, cola, recortes de jornais e de revistas, disponíveis e com os objetos pessoais solicitados as crianças no encontro anterior como: fotos, desenhos, brinquedo em miniatura, etc., além de objetos inesperados como os usados pelo artista Nelson Leirner: chaves, dados, diversos tipos de embalagens, peças de computador, de relógios, partes de brinquedos, etc. que serão disponibilizados pela pesquisadora. A ideia é que às crianças criem com base nas referências vistas dos artistas surdos retratos feitos usando as palmas da mão como suporte. Em duplas ou trios os alunos colocarão em suas palmas objetos, imagens, sinais, palavras, de como eles se sentem (alegres, tristes, acolhidos, indiferentes) nos momentos que dividem atividades entre eles e convivência com os alunos ouvintes na escola e fotografem as mãos.

As imagens feitas pelos alunos de seus autorretratos nas mãos serão dispostas em uma parede ao lado de obras dos artistas estudados, Billy Saga, Nancy Rourske e Ashley Shaffer. A proposta é que eles consigam identificar elementos da Cultura Surda em suas obras e se identifiquem em suas produções. Buscando estimular uma análise das crianças das obras e a relação entre elas, será proposto uma roda de conversa para criarmos uma troca sobre as experiências vividas.

O quarto momento enfatiza as relações entre os alunos surdos, os espaços da escola e as pessoas que ocupam esses lugares. Formando grupos com três alunos, a proposta é que fotografem diferentes espaços da escola, mas dando ênfase nas interações entre eles e pessoas que estão nestes diferentes espaços. Pensando em um dia reservado para essa intervenção, é possível propor aos alunos que foquem também em como se sentem em relação aos seus pares coetâneos, servidores e comunidade

diante das situações de trocas, quando sabem e não sabem libras.

Cada aluno escolherá três fotos, feitas por eles, e a partir de suas escolhas, perguntaremos o porquê dessas preferências. Será criado um momento de diálogo para que os alunos possam dizer se eles se sentem em situações de trocas com diferentes interlocutores da escola e se consideram que as pessoas que foram fotografadas sejam suas interlocutoras.

Nossa última atividade se voltará para a montagem da exposição de todo o processo vivido durante os quatro encontros. A exposição terá como objetivo refazer todo o trajeto percorrido pelos alunos através de suas criações artísticas e desta forma criar uma aproximação com a unidade escolar, com seus professores e familiares. A curadoria será elaborada e organizada pela pesquisadora com a colaboração dos professores e alunos que participaram das intervenções. Além de destacar a trajetória no desenvolvimento das concepções estéticas visuais e da cultura surda presentes nos trabalhos artísticos dos alunos, o olhar do espectador será levado para essas questões centrais de como os alunos se veem e se sentem nesse espaço escolar. Gobbi (2015).

A exposição pretende recriar os momentos das intervenções artísticas vividas pelos alunos, partindo do reflexo no espelho um trabalho de autorretrato seguindo em direção as experiências coletivas com ouvintes e surdos e como essas relações se dão nos diversos espaços escolares. Assim como as intervenções, a mostra terá cinco momentos marcados com as produções artísticas das crianças, os espelhos, os espaços, a arte surda e os espaços e as pessoas.

A obra dos espelhos receberá os espectadores de maneira interativa será disposto um grande mobile de pequenos espelhos no Hall de entrada da escola. A ideia é criar um diálogo uma interação entre os convidados e seus reflexos nos espelhos. Dando continuidade a exposição, a intervenção em que os alunos escreveram nas imagens impressas como se sentiam em relação aos lugares fotografados serão coladas como cartazes, lambe-lambe, nas paredes desses espaços, como se essas crianças estivessem ocupando o lugar de fato. A próxima parada da exposição será em uma instalação, em que os visitantes precisarão olhar por uma abertura em uma caixa para poder ver a obra. Serão colocadas várias caixas uma ao lado da outra com os retratos feitos pelos alunos usando as palmas da mão como suporte e só poderão ser contempladas por um orifício feito na caixa. Essa proposta está relacionada a dar uma ênfase maior aos olhos, ao olhar mais cuidadoso sobre um universo desconhecido para a maioria dos ouvintes. E, por fim, serão projetadas as imagens das fotos autorais e os registros feitos em momentos de rotina na escola com as pessoas que fazem parte de suas vidas diárias no espaço escolar. A exposição estará aberta para toda a comunidade escolar.

Considerações parciais

É esperado a partir dessa proposta de intervenção que os alunos surdos possam criar um caminho de comunicação e de expressão através das artes visuais na escola. Essa vivência artística possibilitará ao aluno surdo ir além da linguagem de sinais, proporcionará a descoberta em criar e se expressar considerando sua identidade e cultura surda, se vendo como sujeito visual. Na relação com a arte, o aluno surdo pode perceber-se e identifica-se com o que está a sua volta, narrando sua história de forma visual, podendo dizer como se sente, como se vê na escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 22 de março de 2020

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Arte. Ensino Fundamental. 5ª a 8ª Séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Decreto n. 5.626, de 23 de dezembro de 2005. Regulamenta Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, 2005.

MEC/SECADI. Portaria nº 1.060, de 30 de Outubro de 2013. Institui o Grupo de Trabalho com o objetivo de elaborar subsídios para a Política Nacional de Educação Bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, com orientações para formação inicial e continuada de professores para o ensino da Libras e da Língua Portuguesa como segunda língua.

_____. Portaria nº 91, de 19 de novembro de 2013. Designa os membros para compor o Grupo de Trabalho definido na Portaria nº 1060, de 31 de outubro de 2013, com o objetivo de elaborar subsídios para a Política Nacional de Educação Bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, contendo orientações para formação inicial e continuada de professores para o ensino de Libras e da Língua Portuguesa como segunda língua.

CANTON, Katia, Estudo de caso, **Auto-retrato Espelho de artista Como forma de pensar uma exposição de Arte**, São Paulo, USP-ECA, 2002, 120p.

CANTON, Katia, **Do Moderno ao Contemporâneo**, Coleção Temas da Arte Contemporânea, São Paulo, ed. WMF Martins Fontes, 2009, 51p.

CANTON, Katia, **Espaço e Lugar**, Coleção Temas da Arte Contemporânea, São Paulo, ed. WMF Martins Fontes, 2009, 71p.

CANTON, Katia, **Espelho de Artista [autorretrato]**. São Paulo, ed. Sesi, 2017. 53 p.

CANTON, Katia, **Narrativas Enviesadas**, Coleção Temas da Arte Contemporânea, São Paulo, ed. WMF Martins Fontes, 2009, 57p.

CANTON, Katia, **Novíssima Arte Brasileira Um guia de tendências**, São Paulo, ed. Iluminuras, 2001, 200p.

CANTON, Katia, **Tempo e Memória**, Coleção Temas da Arte Contemporânea, São Paulo, ed. WMF

Martins Fontes, 2009, 62p.

FREITAS, Maria Teresa. **A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento.** In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sônia. Ciências Humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em: <http://gips.usuarios.rdc.puc-rio.br/ciencias_humanas.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2020.

FLICK, Uwe, **Introdução à pesquisa qualitativa**, Porto Alegre-RS, ed. Artmed, 2009, p.20.

GOBBI, Márcia Aparecida. **Repositório UNIFESP. As mostras culturais em debate: para que e para quem elas são feitas?** São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.unifesp.br/jspui/handle/11600/39157>> Acesso em: 22 de mar. de 2020.

LESCOÛET, Jennifer Disponível em: <<http://www.jlescouet.com/fr/accueil.html>> Acesso em: 22 mar. 2020.

SANTOS, Rafael – Odrus Disponível em: <<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/emebs-mario-pereira-realiza-primeira-edicao-de-vento-sobre-cultura-surda/2/>> Acesso em: 22 mar. 2020.

RAUGUST, Mayara Bataglin, **As diferentes formas de Constituição de Subjetividade Surdas: A Arte e a Experiência Visual em questão**, Letramento Visual e Surdez, Rio de Janeiro-RJ, ed. Wak, 2017, p.200-225.

ROURSKE, Nancy Disponível em : <<https://www.nancyourke.com/biography.htm>> Acesso em: 22 mar. 2020.

SACKS, Oliver, **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**, São Paulo, 1ª ed. Companhia de Bolso, 2010, 215 p.

SANTAELLA, L., **Leitura de imagens**, São Paulo, ed. Melhoramentos, 2012, p.13.

SAGA, Billy Disponível em:< <https://www.bilysaga.com.br/>> Acesso em: 22 mar. 2020.

SHAFFER, Ashley Disponível em: < <https://deaf-artist.com/2020/01/12/ashley-shaffer/>> Acesso em: 22 mar. 2020.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda.** Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch, **Imaginação Criação e Infância**, São Paulo, ed. Expressão Popular, 2018, 128 p.

